

A CRÔNICA DE FERNANDO SABINO: ANOTAÇÕES INICIAIS

Talita Carlos TRISTÃO¹

Resumo: Como integrante do grupo de pesquisas *Minas Gerais: diálogos*, iniciaremos nossas investigações realizando alguns apontamentos neste trabalho que tem por objetivo abordar o gênero crônica, estabelecendo relações com os escritos do escritor mineiro Fernando Sabino, importante nome para a afirmação da crônica mineira em sua época. Para isto, delinearemos uma trajetória histórica da crônica, para compreendermos seu surgimento e transformações ao longo dos tempos, bem como suas características particulares que a distingue de outros gêneros literários.

Palavras-chave: crônica, História, folhetim, jornal.

Introdução

Há muito tempo o gênero crônica figura entre nós, quer em jornais quer em livros; no entanto, estudiosos consideram que, por se tratar de um gênero híbrido, até os dias atuais encontramos divergências quanto a sua definição. Para alguns, como Antonio Candido, a crônica é considerada um gênero menor, pois “por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia” assumindo uma carga de efemeridade, enquanto que, ao mesmo tempo denota uma humanização provocada pela “linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural”. (CANDIDO, 1992, p.13). Por outro lado, Massaud Moisés aponta uma “ambiguidade irreduzível” entre jornalismo e literatura, uma vez que “a crônica oscila, pois, entre a reportagem e a Literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia.” (MOISES, 1985, p.247). Notamos que este apontamento revela uma grande intimidade entre a crônica e o seu veículo – o jornal.

Por causa destas divergências apontadas, principiaremos então a compreensão deste gênero pela definição do próprio significado do termo, que derivado da palavra grega

¹ Mestranda em Letras da Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR, Três Corações, MG, Brasil. Bolsista da Fapemig (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais). Integrante do grupo de pesquisas “Minas Gerais: diálogos”. E-mail: tataeronald@hotmail.com

khronos, implica a noção de tempo e memória mantendo estreita afinidade com o passado. A crônica pode ser considerada antecedente da historiografia contemporânea por possuir um passado longínquo e por relatar cronologicamente os acontecimentos históricos; “a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo”. (ARRIGUCCI, 1987, p.51)

Conforme André de Freitas Simões, em seu artigo “A evolução da crônica como gênero nacional”, o historiador Heródoto pode ser considerado como o primeiro grande cronista, “o pai da História”. (SIMÕES, 2009, p.50). Há também vários outros exemplos equivalentes na Idade Antiga como o livro *Crônicas*, da Bíblia, que trata da genealogia dos hebreus e notáveis crônicas de guerra escritas pelo imperador romano Júlio César. Todos os escritos, porém, sempre conservando em comum “o caráter de relato circunstanciado sobre feitos, cenários e personagens, a partir da observação do próprio narrador ou tomado como fonte de referência às informações coligadas junto a protagonistas ou testemunhas oculares.” (MELO *apud* SIMÕES, 2002, p.140). Sabe-se que um dos principais cronistas da Língua Portuguesa foi Fernão Lopes, tomado como o grande mestre na arte de narrar.

A crônica, anteriormente, constituía “o testemunho de uma vida, o documento de toda uma época ou um meio de inscrever a História no texto”, e “o cronista era um hábil artesão da experiência, transformador da matéria-prima do vivido em narração, mestre na arte de contar histórias”, segundo nos afirma Arrigucci (1987, p.52), em seu ensaio “Fragmentos sobre a crônica”. Essa definição do cronista se aproxima daquela expressa por Walter Benjamin em relação à figura do narrador que, através da memória, resgatava as experiências vividas e narradas pelo trajeto que percorria.

Jorge de Sá, em seu livro *A crônica*, aponta que Pero Vaz de Caminha se comportou como um verdadeiro cronista ao recriar com “engenho e arte tudo o que registrou no contato direto com os índios e seus costumes, em um momento de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva.” (SÁ, 2005, p.6). Este fato foi um marco e evidenciou o quanto o cenário brasileiro despertou o interesse de um observador dos acontecimentos. Por este motivo, Sá também considera que Caminha estabeleceu o registro do circunstancial – princípio básico da crônica – ao produzir seu relato bem fiel às circunstâncias. Considera-se, portanto, que a carta de Caminha esteja situada numa das categorias da crônica, a crônica de viagem.

Sobre estas divisões observamos que alguns críticos literários como Antonio Candido (1992), Afrânio Coutinho (1986) e Massaud Moisés (1985) categorizam a crônica em subgêneros, sendo estes: crônica-diálogo, crônica narrativa, crônica exposição poética, crônica biográfica lírica, crônica metafísica, crônica poema-em-prosa, crônica comentário, crônica informação, crônica poema e crônica conto.

No entanto, ao pensar na crônica afastada de seu caráter histórico, observamos que há uma definição bastante desvinculada do aspecto cronológico, pois o tempo deixou de ser fundamental e a crônica passou a ser simplesmente o relato de um fato corriqueiro que alimentava uma seção de jornal. Isto aconteceu quando a imprensa se materializou no Brasil no século XIX, sofrendo forte influência europeia.

Assim como na França, o Brasil publicava *folhetins*, um espaço nos rodapés dos jornais destinados às questões prosaicas onde um bom cronista podia comentar sobre fatores sociais, políticos, artísticos e até literários. Os *folhetins* podiam ser constituídos por capítulos de romances, anedotas, comentários sociais, poemas e crônicas. Era o espaço onde os autores podiam mostrar-se e fazer seu nome através de seus escritos.

Não obstante, Antonio Candido nos afirma que aos poucos o *folhetim* foi perdendo a intenção de informar e comentar para assumir o caráter de entretenimento através de uma linguagem bem mais solta, leve e descompromissada. Marlyse Meyer confirma este caráter do *folhetim*:

Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém saídos, (...) E, numa época em que a ficção está na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestres ou noviços no gênero, (...). (MEYER *apud* CANDIDO, 1992, p.96).

Tomado como o mais hábil cronista de uma época, na qual a crônica não mais configurava um relato histórico, Machado de Assis foi o responsável pela autonomia do gênero em nosso país. Em suas crônicas, podia ser notada a forte presença da metalinguagem e do humor. Arrigucci aponta que

Machado se afina pelo tom (...) da crônica brasileira, voltada para as miudezas do cotidiano, onde acha a graça espontânea do povo, as fraturas expostas da vida

social, a finura dos perfis psicológicos, o quadro de costumes, o ridículo de cada dia e até a poesia mais alta que ela chega alcançar [...] (ARRIGUCCI, 1987, p.59).

Paulo Barreto, conhecido pelo pseudônimo de João do Rio, foi também um cronista importante da considerada época pré-moderna da crônica. Jorge de Sá afirma que João do Rio não ficava inerte esperando informes na redação, mas saía às ruas e realizava uma verdadeira pesquisa *in loco*, indo onde lhe permitisse investigar fatos para a elaboração de seu texto. Com esta atitude moderna, João do Rio acabou por mudar o enfoque e a linguagem do folhetim, consagrando-se como “o cronista mundano por excelência”, pois deu à crônica uma “roupagem mais literária”, criando personagens e acrescentando um toque ficcional a seus relatos, fazendo com que a crônica se aproximasse do conto. (SÁ, 2005, p.9).

A crônica realmente se firmou no Brasil a partir da década de 1930. Segundo observa Antonio Candido, em “A vida ao rés-do-chão”, “foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e se consolidou no Brasil, como gênero bem nosso.” (CANDIDO, 1992, p.17). E foi nessa época que se afirmaram Mario de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e aquele que se voltaria exclusivamente para este gênero e seria “o cronista”: Rubem Braga. (CANDIDO, 1992, p.17).

Com Braga a crônica também sofreu inovações e deixou de ser comentário para virar uma aparente “conversa fiada” (CANDIDO, 1992, p.17). Rubem Braga revela, em uma de suas crônicas, intitulada “Ao respeitável público”, que estava acostumado a aproveitar qualquer assunto e poderia num instante “escrever duzentas crônicas engraçadinhas ou tristes, boas ou imbecis, úteis ou inúteis, interessantes ou cacetes”. (BRAGA *apud* CANDIDO, 1982, p. 24).

Gradualmente a crônica foi sofrendo uma redução de assunto e tamanho, mas ganhando área própria nos jornais. No contexto do jornal, a crônica assumiu certa transitoriedade, pois se dirigia a leitores apressados, que aproveitavam os rápidos intervalos de seu cotidiano. Fazendo parte do gênero jornalístico, a crônica indubitavelmente acompanhava o envelhecimento e a renovação do jornal a cada vinte e quatro horas, e os cronistas precisavam ser ágeis para acompanhar essa efemeridade, utilizando linguagem coloquial mais próxima de uma conversa entre amigos – cronista e leitor – do que a um texto propriamente escrito.

O auge da crônica no Brasil foi às décadas de 50 e 60 do século XX em que prefigurou o surgimento de novos valores acrescentando ainda mais o gênero. Antonio Candido considera Minas Gerais como o palco principal para a configuração da crônica moderna e isto se deve ao fato da importante contribuição do capixaba Rubem Braga – “o cronista” - na época em que este viveu na capital mineira. Apesar disso, a sede dos veículos publicadores de crônicas era o Rio de Janeiro e mesmo que alguns jornalistas e cronistas não pertencessem a essa cidade, ganhavam reconhecimento por lá. Além de que, desde o século XIX, a cidade carioca já era um local de suma importância para captar as particularidades constituintes do gênero. Um dos cronistas reconhecidos no Rio de Janeiro foi o mineiro Fernando Sabino, autor cujas crônicas serão abordadas e analisadas mais adiante.

Continuando a trajetória histórica, observamos que na década de 70 do século XX a crônica foi ficando sem espaço. A escrita prosaica, de amenidades, passou a ser malvista por causa da crescente repressão da ditadura militar. Mas, a despeito dos desafiantes acontecimentos políticos e sociais, alguns escritores conseguiram se estabelecer com notoriedade. Um destes, podemos considerar, foi Luís Fernando Veríssimo.

Entretanto, o gênero é muito popular e proeminente até os dias atuais possibilitando-nos amplo campo de estudos. Segundo Antonio Candido, a crônica se constrói a partir da naturalidade da fala. “O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor.” (CANDIDO, 1992, p.16).

A crônica e o conto², apesar de serem narrativas curtas e se aparentarem por causa de seu suporte jornalístico, se diferenciam pela postura do narrador, pois em uma crônica este, quase sempre na primeira pessoa do singular, tem maior liberdade para explorar as potencialidades da língua. Além disso, o mais importante é a visão que este narrador tem dos fatos, que faz acreditar ser bem verossímil. Além da efemeridade, há outros requisitos essenciais para a crônica, segundo identifica Massaud Moisés, tais como “ambiguidade, brevidade, subjetividade, diálogo, estilo entre oral e literário, temas do cotidiano [...]” (MOISÉS, 1985, p. 257).

² O conto é uma narrativa independente e, mais do que a crônica, sobrevive fora do contexto jornalístico.

A crônica faz uso de uma linguagem simples, leve, metafórica, metalinguística e pode dizer as coisas mais sérias como se fosse uma conversa fiada. Candido afirma que “igualmente séria são as descrições alegres da vida, o relato caprichoso dos fatos, o desenho de certos tipos humanos, o mero registro daquele inesperado que surge de repente e que Fernando Sabino procura captar”. (CANDIDO, 1992, p.20).

A crônica de Sabino: alguns exemplos

Fernando Sabino é o autor que escolhemos e cujas crônicas constituem o *corpus* deste nosso trabalho inicial. Nascido em 12 de outubro de 1923, em Belo Horizonte; na adolescência ainda, Sabino escreveu seu primeiro trabalho literário – uma história policial – que foi publicada na revista *Argus*, da polícia mineira. Foi locutor de programa de rádio, redator do jornal *Folha de Minas* e colaborador do *Correio da manhã*. Ao longo de sua vida, escreveu e publicou crônicas, contos, novelas, romances, dicionário. Morou em Nova York e Londres e viajou várias vezes ao exterior, visitando países da América, da Europa e do Oriente. Dedicou-se, ainda, ao cinema realizando uma série de minidocumentários sobre Hollywood para a TV Globo, produziu curtas-metragens e dirigiu documentários sobre escritores brasileiros contemporâneos.³

Sabino foi um escritor de produção intensa. Em julho de 1999, recebeu da Academia Brasileira de Letras o prêmio Machado de Assis – considerado o maior prêmio literário do Brasil – pelo conjunto de sua obra.⁴ Estimado como um dos autores fundamentais para a afirmação da crônica no Brasil em sua época devido às suas contribuições ao gênero, Sabino se destaca por captar

simples flagrantes do cotidiano. Alguns de rara ternura, outros irresistivelmente engraçado, todos eles trazendo aquele toque mágico, que é a marca de seu autor, procurando sempre recolher da vida diária ‘algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida.’⁵

Podemos apontar muitas das características particulares do gênero nas crônicas de Fernando Sabino. Para isto, faremos uso dos trechos de algumas de suas crônicas

³ Todas estas informações podem ser encontradas em *O gato sou eu*, de Fernando Sabino, 1983.

⁴ Fonte: http://www.releituras.com/fsabino_bio.asp, acesso em 11/nov./2011 as 23:21.

⁵ Citação constituinte da orelha da obra *A companhia de viagem*, de Fernando Sabino, 1977.

compiladas na obra *As melhores crônicas de Fernando Sabino* (1986), em cuja orelha já encontramos orientações quanto a seu conteúdo e forma de suas crônicas:

[...] *crônica* quando em tom reflexivo, pode-se dizer que na verdade se trata de um gênero literário próprio, peculiar a Fernando Sabino: um relato curto de fatos colhidos da realidade, com tratamento de ficção, em linguagem nítida, sem os ornatos da retórica tradicional, mas de técnica apurada e respeito aos requisitos da clareza, concisão e simplicidade. São episódios, incidentes, reminiscências, reflexões, encontros e desencontros por ele vividos na sua “aventura do cotidiano”, apresentados com rica inventiva, como se o próprio leitor participasse – nisso residindo o seu maior fascínio. Sob a aparente singeleza, transparecem a sensibilidade, o humor, a ironia, às vezes o espírito satírico – mas sobretudo a solidária simpatia com que o autor surpreende o que há de belo, delicado ou hilariante na natureza humana. (*apud* SABINO, 1986, s/p).

Principiaremos, assim, nossas análises e apontamentos por um trecho de “A última crônica”, que providencialmente encerra a obra citada acima:

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever.

A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu quereria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim, um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acentuar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porem, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los.

[...]

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de coca-cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai mune de uma caixa de fósforos e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa, além de mim.

[...]

Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso. (SABINO, 1986, p. 206-208).

O relato acontece a partir de um botequim, onde o narrador observa à sua volta os fatos corriqueiros destacando um em especial – que aparentemente não guarda nenhuma particularidade: a chegada de uma pequena e modesta família negra – pai, mãe e filha – que se assentam numa mesa ao fundo para comemorar o aniversário da menina. O pai conta discretamente o dinheiro retirado do bolso e pede ao garçom uma fatia de bolo do balcão. O narrador passa a observar essa família e a partir dos posicionamentos e atitudes de cada personagem – que parecem obedecer a um “discreto ritual” – constrói sua “última crônica” fazendo uso de uma linguagem simples e breve, que conduz o leitor à visualização da cena descrita.

Num primeiro momento, notamos a presença de um narrador-autor que está passeando e adiando o momento da escrita, pois gostaria de terminar o ano com uma crônica especial, mas não se sente inspirado. Este trecho inicial nos possibilita perceber um diálogo com o leitor, onde o narrador-autor justifica sua pretensão e objetivo: “Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida”; “Visava ao circunstancial, ao episódico”. O trecho inicial se constrói, portanto, a partir da metalinguagem: “Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial”; “Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica”. Esta última proposição nos remete à ideia do circunstancial, do efêmero, do corriqueiro. Aqui, Sabino esboça seu próprio conceito de crônica, uma vez que, para ele, são vários os assuntos que mereceriam ser crônicas: “quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico”, qualquer episódio que desperte a atenção e possibilite ao narrador construir seu próprio relato. Pois uma crônica nada mais é do que uma construção de elementos ficcionais a partir de acontecimentos reais.

Em “A última crônica”, há um elemento intertextual importante que já é anunciado no próprio título do texto de Sabino. Os trechos “enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: ‘assim eu queria o meu último poema’” e “Assim eu queria minha última

crônica: que fosse pura como esse sorriso.” fazem uma clara alusão ao poema “O último poema” de Manuel Bandeira:

Assim eu queria meu último poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação. (BANDEIRA, 2006, p. 35).

Em seu poema, Bandeira relaciona fatos simples e comuns da vida cotidiana (aparentemente não notados), assim como Sabino em sua crônica que consegue captar um momento tão importante para a família reunida no botequim através de uma forma simples. Ambos abordam questões humanas e universais com uma singeleza muito particular fazendo com que o leitor se sinta tocado e se identifique com o episódio narrado. O processo de intertextualidade entre Sabino e Bandeira se reporta, assim, à tematização do banal, do cotidiano entendido, por ambos, de maneira poética.

Em outra crônica, “O retrato”, vemos de maneira ainda mais direta a conversa armada pelo narrador com seu possível leitor: “A esta altura paro, e o leitor comigo, para me perguntar: a que vem esta conversa? Estamos habituados, um escrevendo e outro lendo, a casos pitorescos ou triviais colhidos da vida cotidiana. Onde está o caso de hoje, a propósito ou não de velhas fotografias?” (SABINO, 1986, p.8).

As indagações tão diretas e objetivas apontam que o leitor, mergulhado no contexto da crônica, compreende a postura do narrador, perguntando-se ele também “a que vem esta conversa”? Ou seja, através desta indagação o narrador abre espaço para que o leitor interaja com o texto, participe da crônica ativamente, pois o nomeia e identifica: “A esta altura paro, e o leitor comigo”. A indagação promove, ainda, outra, bem mais interessante, já que se reporta ao entendimento que o leitor tem do que seja, de fato, uma crônica: “Onde está o caso de hoje?”. Para o leitor, a crônica está associada a um acontecimento, ao relato de uma história retirada do cotidiano: “Estamos habituados, um escrevendo e outro lendo, a casos pitorescos ou triviais colhidos da vida cotidiana”. Mais uma vez temos a inserção da metalinguagem, que se mostra como elemento constitutivo da crônica de Sabino. A ideia de crônica como relato de um caso está bem expressa em “A última crônica”, na qual há uma composição narrativa nítida: composição do espaço (botequim) e do tempo (final

de ano); apresentação dos personagens; focalização particular nas reações da menina diante da fatia de bolo; etc.

Vejamos outra crônica, “Escritório”:

Fica sendo então *escritório*, tão-somente. Nem mesmo de literatura: apenas um local onde possa acender diariamente o forno (no sentido figurado, apresso-me a tranquilizar o condomínio) desta padaria literária de cujo produto cotidiano, fresco ou requentado, vou vivendo (...) Levo para meu novo covil uma mesa, uma cadeira, a máquina de escrever – e me instalo, à espera de meus costumeiros clientes.

Estranhos clientes estes, que entram pela janela, pelas paredes, pelo teto, trazidos pelas vozes de antigamente, vindos de uma página de jornal, ou num simples ruído familiar: projeção de mim mesmo, ecos de pensamento, fantasmas que se movem apenas na lembrança, figuras feitas de ar e imaginação. (SABINO, 1986, p.69).

Neste trecho, mais uma vez, percebemos a presença do narrador-autor que aparenta conversar com o leitor através de uma linguagem despretensiosa, construída, entretanto, por meio do processo metafórico: “acender diariamente o forno (...) desta padaria literária de cujo produto cotidiano, fresco ou requentado, vou vivendo”. O narrador compara seu processo criativo a uma produção em massa, rotulando um aspecto específico da crônica: a obrigatoriedade diária da escrita. O segundo parágrafo do trecho nos permite identificar a descrição dos personagens e fatos que constituem a crônica - ainda por meio do processo metafórico: “Estranhos clientes estes, que entram pela janela, pelas paredes, pelo teto, trazidos pelas vozes de antigamente, vindos de uma página de jornal, ou num simples ruído familiar”.

Considerações finais

A partir da leitura destes três textos, podemos destacar algumas características fundamentais da crônica de Sabino, a saber: utilização de um narrador que assume o ato da escrita e que dialoga com seu leitor; destreza na captura do cotidiano e do circunstancial com singeleza poética; construções narrativas metafóricas, metalinguísticas e intertextuais; ficcionalização textual. Como afirma o próprio Sabino, tudo o que retrata e reflete em suas crônicas é o fato de “apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida”.

Essas pequenas observações iniciais – que fazem parte de um estudo maior que tem por objeto específico as crônicas de Sabino – possibilitaram apontar algumas características que definem o gênero crônica. O breve histórico proposto evidenciou que a crônica foi evoluindo e se transformando ao longo dos tempos, e que muitos escritores contribuíram para a transformação do gênero, intervindo, cada um a sua maneira, na história desse importante gênero.

THE CHRONICLE OF FERNANDO SABINO: INITIAL NOTES

Abstract: *As a component of the search group Minas Gerais: Dialogues, we will start our investigations doing notes in the work that has like object the chronicle gender connecting the writes of writer Fernando Sabino, an important name to the affirmation of Minas Gerais chronicle in it time. For this, we make a historical way of the chronicle, understanding it uprising and transformations all over the time, as well as the specific characteristics that differentiate the chronicle of others literary genders.*

Keywords: *chronicle, History, feuilleton, newspaper.*

Referências

AIMÉE, Aline. *A crônica em foco – revisão da crítica e análise das características do gênero*. Cadernos do CNLF, Vol. XII, nº 07. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2008.

ARRIGUCCI, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: *Enigma e comentário – Ensaio sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BANDEIRA, Manuel. *Manuel Bandeira — 50 poemas escolhidos pelo autor*. Ed. Cosac Naify – São Paulo, 2006, pág. 35.

BRAGA, Rubem. Ao respeitável público. In: *O conde e o passarinho*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

CANDIDO, Antonio. A Vida ao rés-do-chão. In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

NOGUEIRA JR., Arnaldo. Releituras – “Os melhores textos dos melhores escritores”. Disponível em: <http://www.releituras.com/fsabino_bio.asp>. Acesso em 11 novembro 2011.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se faz a crônica. In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p.93-133.

MOISES, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1985.

RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: uma biografia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

SÁ, Jorge. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2005.

SABINO, Fernando. *A companheira de viagem*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1977.

SABINO, Fernando. *As melhores crônicas de Fernando Sabino*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1986, pág. 206.

SABINO, Fernando. *O gato sou eu*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1983. p.201-203.

SIMÕES, André de Freitas. *A evolução da crônica como gênero nacional*. Londrina: Estação Literária, Vagão-volume 4, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL4Art5.pdf>>.